



IMAGENS DE VIOLÊNCIA E MODOS DE VER: EXPERIÊNCIAS CROMÁTICAS NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS

IMAGES OF VIOLENCE AND WAYS OF SEEING: CHROMATIC EXPERIENCES IN VISUAL ARTS TEACHING

Hélida Coelho¹ - UDESC

Clícia Coelho² - UNIFAP

Jociele Lampert³ - UDESC

Resumo: Este artigo apresenta reflexões sobre a *microprática* “Imagens de violência e modos de ver: experiências cromáticas no ensino das Artes Visuais”, realizada com discentes do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Amapá. A proposta teve como objetivo problematizar as imagens de violência no campo do ensino das Artes Visuais, por meio de experimentações pictóricas e diálogos com imagens da cultura visual que abordam essa temática. A atividade ocorreu em 29 de agosto de 2025, envolvendo dois grupos de aproximadamente 30 acadêmicos, divididos em dois turnos. A fundamentação teórica está ancorada nos conceitos desenvolvidos pelo Grupo Estúdio de Pintura Apotheke, com base nas ideias do filósofo John Dewey (1979, 2010), especialmente nos tópicos “pensamento reflexivo” e “experiência estética”, em consonância com as ideias de Mirzoeff (2003) e Berger (2022). Como referência prática, foram adotadas a teoria da cor de Johannes Itten (2020) e as perspectivas visuais do artista fotógrafo Marcelo Brodsky. A participação dos acadêmicos revelou entusiasmo e engajamento, evidenciado em seus discursos e produções visuais. Inspirados pela metodologia apresentada, os participantes exploraram novas possibilidades para o ensino das Artes Visuais, problematizando temas contemporâneos por meio da experimentação cromática.

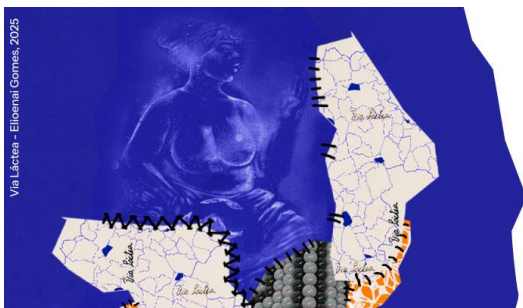
Palavras-chave: *microprática*; imagens de violência; modos de ver; experiência cromática; ensino das artes visuais.

Abstract: This article presents reflections on the micropractice “*Images of Violence and Ways of Seeing: Chromatic Experiences in Visual Arts Teaching*”, carried out with undergraduate Pedagogy students at the Federal University of Amapá. The proposal aimed to problematize representations of violence within the field of Visual Arts teaching through pictorial

¹ Doutoranda em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, linha de pesquisa Ensino das Artes Visuais, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5484712325733701>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9518-6834> E-mail: helidacostacoelho@gmail.com.

² Professora Titular na Universidade Federal do Amapá. Doutora em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3496785836621417>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8205-7737> E-mail: clicia@unifap.br

³ Professora Titular na Universidade do Estado de Santa Catarina. Professora Investigadora Visitante na FBAUL/CIEBA/ULISBOA (2023). Doutora em Artes Visuais pela ECA/USP (2009). Atua no Mestrado e Doutorado em Artes Visuais PPGAV/UDESC. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/714990293123122>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0963-0925>. E-mail: jocielelampert@uol.com.br



experimentation and dialogues with visual culture images addressing this theme. The activity took place on August 29, 2025, involving two groups of approximately 30 students, divided into two sessions. The theoretical foundation is grounded in the concepts developed by the Apotheke Painting Studio Group, drawing on the ideas of philosopher John Dewey (1979, 2010), especially the notions of “reflective thought” and “aesthetic experience”, in line with the contributions of Mirzoeff (2003) and Berger (2022). As practical references, Johannes Itten’s (2020) color theory and the visual perspectives of photographer Marcelo Brodsky were adopted. The students’ participation revealed enthusiasm and engagement, expressed in their reflections and visual productions. Inspired by the proposed methodology, the participants explored new possibilities for Visual Arts teaching, problematizing contemporary issues through chromatic experimentation.

Keywords: micropractice; images of violence; ways of seeing; chromatic experience; visual arts teaching.

1 INTRODUÇÃO

A *microprática*⁴ “Imagens de violência e modos de ver: experiências cromáticas no ensino das Artes Visuais”, foi uma ação de extensão universitária⁵, vinculada a pesquisa de doutorado que investiga a problematização das imagens de violência no campo de Ensino das Artes Visuais. Realizada com acadêmicos de graduação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amapá, possibilitou experienciar uma perspectiva teórica e prática sobre a temática da violência, articulando temas sensíveis (Hirsch *et al.*, 2023), relacionados a questões de violência e desigualdades sociais, tendo como fundamentação teórica o “pensamento reflexivo” e a “experiência estética”, conforme os pressupostos do filósofo John Dewey (1979, 2010). A proposta se insere no debate sobre micropolíticas educativas, ao evidenciar como práticas estéticas podem transformar a formação docente desde seus processos cotidianos.

O estudo cromático foi orientado pela teoria da cor do *professor artista* Johannes Itten (2020), que contribui para pensar cromaticamente as imagens

⁴ Os conceitos grafados em itálico e escrita criativa, ao longo do texto, como *microprática*, *professor artista*, *artista referência*, *mesa pedagógica*, *aula ateliê*, *clínica de trabalho*, são conceitos elaborados e difundidos para uma abordagem metodológica pelo Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke. Para conhecer mais sobre esse programa de extensão acesse: <https://www.apothekeestudiodepintura.com>

⁵ O “Projeto de Ensino Pedagogia, Arte e Pipoca”, é coordenado pela Professora Titular Dra. Clícia Coelho, na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), em parceria com as ações do Projeto de extensão universitária da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), coordenado pela Professora Titular Dra. Jocielle Lampert.



artísticas e não artísticas, considerando a harmonia e o uso das cores como artefatos culturais. Também foi incorporada a técnica de pintura com canetas hidrográficas, inspiradas nas obras do artista referência, o argentino Marcelo Brodsky, conhecido por discutir temas sociais por meio da arte.

Segundo Berger (2022), a percepção visual é influenciada pelo contexto e pela cultura. O autor afirma que o ato de ver não é imparcial, sendo constituído por fatores sociais, históricos e ideológicos. Defende que a percepção visual ocorre antes da linguagem e destaca que esse processo está sujeito a influências culturais, históricas e ideológicas.

Desse modo, ao problematizar as imagens por meio de intervenções cromáticas e pictóricas, buscou-se novas possibilidades de interpretação de imagens que representam a temática da violência, bem como instigou-se a produção de outros “modos de ver”, ou seja, outras narrativas sobre elas. Isso ocorre porque os estudos da cultura visual desafiam o campo tradicional de ensino e possibilitam expandir a reflexão crítica sobre os aspectos que compõem a vida contemporânea. Nicholas Mirzoeff (2003, p. 23) explica que a “cultura visual não depende de imagens em si, mas da tendência moderna de capturar ou visualizar a existência em imagens”. Na esteira desse pensamento, é possível inferir que as imagens de violência, em muitos cenários, vêm reiteradamente imbuídas de um repertório capitalista contemporâneo violento (Zizek, 2014), atrelado, muitas vezes, aos marcadores sociais da diferença que enfatizam as desigualdades.

Nesse sentido, a *microprática* apresenta-se como uma ação problematizadora no campo do ensino das artes que pode instigar, principalmente, os “modos de ver” e “visualizar coisas que não são visuais em si” (Mirzoeff, 2003, p. 22), mas que incentiva ir além do visível ingênuo e naturalizado. Como um exercício do pensamento reflexivo (Dewey, 1979), que encoraja a resolução de problemas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Os fundamentos da filosofia da experiência e o papel do pensamento reflexivo na prática artística.



A filosofia da experiência do norte-americano John Dewey (1859-1952), tem grande contribuição no campo da arte e da educação, o autor evidencia a importância da teoria e prática juntas em si, e corrobora a noção de experiência por meio de uma educação progressiva e, principalmente, pragmática.

O termo “pragmatismo”⁶, derivado do grego *prágma*, significa “fazer”, denota ação, ato ou caso. Fundamentamo-nos nas teorias de Dewey centradas no “pragmatismo clássico norte-americano”, do final do século XIX, que teve como pilares os trabalhos de Charles Sanders Peirce, Willian James e John Dewey. De acordo com Mendonça; Reis (2015),

[...] o pragmatismo se configura, assim, como uma teoria com ênfase na investigação e na práxis humana para a produção de conhecimento, devendo a ação – compreendida como prática – ser testada por suas consequências em um mundo contingente e dinâmico (Mendonça; Reis, 2015, p. 253).

Desse modo, as ideias que constroem as ações do Grupo de Estudo Apotheke têm como referência a práxis nas ideias de Dewey, todavia não se refere exclusivamente a ação, “onde o pensamento norteia a ação e o sentimento reconhece as consumações dispostas por ela – uma conscientização unificada pelo sentir e agir” (Lampert; Wosniak, 2017, p. 77), mas no sentido de pensar nas possibilidades de se aprender, construir, problematizar as artes visuais a partir de experiências e de aplicação na prática.

Para Dewey, as artes representavam o ponto mais alto e sublime da inteligência humana. Ao vivenciar a arte, esse aspecto da inteligência ganha novos significados, pois a experiência estética tem o poder de ampliar, qualificar e ressignificar o cotidiano. Quando inserida em práticas como a *microprática*, por exemplo, ela conecta situações reais – como a abordagem da violência – a uma vivência desafiadora, reflexiva e, sobretudo, compartilhada.

Assim, para que uma experiência seja de fato reflexiva, todos os seus envolvidos precisam ser “conhecedores exímios do seu processo de aprender, e que

⁶ Vale ressaltar, que o pragmatismo se configurou com uma denominação filosófica ampla e diversa. Mas se expandiu sobretudo, na educação a partir das ideias Dewey.



estejam com seus conjuntos e práticas em constante estado de reflexão” (Lampert; Wosniak, 2017, p. 77), para que não sejam apenas um conjunto de dogmas a ser seguido e/ou não problematizado. Outra característica fundamental na construção da práxis reflexiva, é a contextualização, de acordo com Dewey, os processos educacionais para serem viáveis precisam ser contextualizados.

Dewey (2010) em seu livro *Arte como experiência*, evidencia a experiência e em especial a experiência estética, como um fluxo vital entre arte e vida. Para esse autor, a

[...] experiência, na medida em que é experiência, consiste na acentuação da vitalidade. Em vez de significar um encerrar-se em sentimentos e sensações privados, significa uma troca ativa e alerta com o mundo; em seu auge, significa uma interpenetração completa entre o eu e o mundo dos objetos e acontecimentos. Em vez de significar a rendição aos caprichos e à desordem, proporciona nossa única demonstração de uma estabilidade que não equivale à estagnação, mas é rítmica e evolutiva. Por ser a realização de um organismo em suas lutas e conquistas em um mundo de coisas, a experiência é a arte em seu estado germinal. Mesmo em suas formas rudimentares, contém a promessa da percepção prazerosa que é a experiência estética (Dewey, 2010, p. 83-84).

O pensamento reflexivo ocupa lugar central na compreensão do processo cognitivo, especialmente quando a arte e a educação se voltam à resolução de problemas. Como afirmam Oliveira *et al.* (2023, p. 3), ele pode ser definido “como a soma de proposições garantidas pela experimentação, sempre submetida à verificação e à ampliação, conforme as necessidades e descobertas atuais da investigação”. Nesse contexto, a *microprática* consiste em contextualizar e analisar criticamente as questões que evidenciam situações de violência, possibilitando a ressignificação dos significados por meio de abordagens práticas e dinâmicas. O objetivo é promover experiências compartilhadas que contribuam para a continuidade das ações propostas.

2.2 Como as imagens (artísticas e não artísticas) contemporâneas expressam e problematizam questões relacionadas à violência?



A história da violência nas sociedades é um fenômeno complexo. De acordo com o dicionário de etimologia, o significado da palavra tem origem no latim *violentia*, e pode ser compreendido como “qualidade de violento; exercer violência sobre; forçar, coagir” (Cunha, 2012, p. 678). Sendo um fenômeno que pode estar ligado ao desenvolvimento das sociedades modernas, contemporâneas e de suas estruturas, considerando as qualidades do significado de violência e o poder que exerce, buscase por meio das imagens que expressam o registro da violência, o diálogo para pontuar, debater, criar soluções para um problema que tem uma abrangência global, ainda que parta de um contexto local.

O filósofo Slavoj Žižek (2014) destaca que a violência está intrinsecamente ligada às opressões do capitalismo. Isso significa que, para compreender o problema em sua complexidade, é necessário considerar o contexto, as relações sociais e suas manifestações – visíveis e invisíveis – que atravessam o tecido social e constroem nossas subjetividades e identidades.

Nesse sentido, como o espectro da violência é amplo e apresenta diversos tipos de manifestação, direcionamos para este artigo, um recorte, conduzindo a análise para três tipos de violência, as quais estão relacionadas aos marcadores sociais da diferença – que são as categorias “raça, gênero e classe social” –, problematizadas pela perspectiva interseccional⁷, que considera a complexidade das relações sociais que repercutem questões sensíveis de violência.

As imagens, sejam artísticas ou não, quando tratam de questões sensíveis como a violência, refletem aspectos da vida contemporânea. Assim, a cultura visual se relaciona diretamente aos estudos da cultura e do social, entendida sobretudo como um campo de análise da vida na contemporaneidade, do ponto de vista de quem consome e de quem produz imagens, em especial no contexto das mídias sociais (MIRZOEFF, 2003).

2.3 O processo pictórico utilizando canetas hidrográficas como meio expressivo.

⁷ Abordagem analítica que reconhece como a experiência das desigualdades sistêmicas é moldada pela sobreposição de categorias não hierárquicas como gênero, raça e classe social. O termo foi criado por Kimberlé Crenshaw em 1989 (Collins, 2020).



O Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke vem desde 2014, criando ações e investigações que buscam resolver problemas e pensam exaustivamente o cenário das artes visuais bem como suas possibilidades, assim como um currículo leve, menos enrijecido, sobretudo prático. Tais iniciativas justificam-se pela necessidade de estimular e fomentar práticas educativas orientadas pela reflexão crítica, pela análise dos diferentes modos de ver e pela geração de sentidos e significados relevantes na interação com artefatos imagéticos.

A *microprática* proposta pelo Grupo Apotheke, acontece em duas vertentes, vinculadas ao contexto das universidades, e funcionam similares a “*workshops* imersivos”, e não como disciplinas isoladas.

O conceito de microprática pictórica tem em sua formulação a consideração do curso artístico e didático que se propõe em torno da linguagem pictórica e de um procedimento em pintura, como experiência singular, pois a todo momento a(o) participante é convidada(o) a aproximar o exercício de sua produção, tanto em forma das próprias referências que se parte em meio ao processo que se instaura, quanto como elemento gerador de outras experiências (Cavallari; Lampert, 2023, p. 18).

Dessa forma, foi proposto com dois grupos de aproximadamente 30 acadêmicos do curso de Pedagogia da UNIFAP a *microprática* “Imagens de violência e modos de ver: experiências cromáticas no ensino das Artes Visuais” com o objetivo de problematizar as imagens de violência (artísticas e não artísticas), por meio de um processo de experimentação pictórica e no diálogo com imagens que tematizavam a violência. A *microprática*⁸, ação de extensão de uma pesquisa doutoral, apresentou quatro momentos. No primeiro, houve a apresentação da ministrante; no segundo, uma exposição teórica dos principais conceitos desenvolvidos para a ação; no terceiro, a realização das experiências cromáticas; e por fim, a *clínica de trabalhos*.

Quando os acadêmicos chegaram à sala de aula, encontraram a *Mesa Pedagógica* (Figura 1) já organizada com os materiais e recursos que seriam utilizados. O cenário visual, marcado pela variedade de cores, antecipava as ideias

⁸ Foi ministrada pela Professora do estado do Amapá, Ma. Héli da Costa Coelho, que tem como objeto da sua pesquisa de doutorado (UDESC), a problematização das imagens de violência, sob a orientação da Professora Titular Dra. Jocielle Lampert (UDESC). Contou com a colaboração do Projeto da Professora Titular Dra. Clícia Coelho (UNIFAP).



que dialogavam com o texto⁹ que a professora Clícia, havia passado antes, para que construíssem um mapa mental e explanassem durante o encontro, introduzindo as ideias que seriam desenvolvidas com base no aporte teórico de John Dewey.

Figura 1. Detalhe da Mesa pedagógica.



Fonte: As autoras, 2025.

No segundo momento, em um clima propositivo, a ministrante apresentou as referências teóricas e artísticas, as imagens artísticas e não artísticas, falou-se sobre os marcadores sociais da diferença pela violência, e o recorte para que se concentrassem nos temas de “raça, gênero e classe social”, definindo categorias, para que cada participante escolhesse ou “fosse escolhido por uma imagem” para fazer a intervenção, utilizando a cor. Foi apresentada a “teoria da cor” (Itten, 2020), principalmente sobre as combinações harmoniosas, os contrastes entre cores e suas possibilidades para as construções pictóricas. E como *artista referência* – inspiração para a prática pictórica –, foi apresentado o trabalho do argentino Marcelo Brodsky¹⁰, que usa canetas hidrográficas para fazer intervenções cromáticas em imagens.

⁹ Artigo: A página rasgada: revisitando a experiência pragmática de John Dewey. (Coelho; Cavallari e Lampert, 2025).

¹⁰ Para conhecer o trabalho do artista acesse: <https://marcelobrodsky.com/>.



No terceiro momento, os participantes realizaram a intervenção nas imagens escolhidas, como na figura 2, escolhendo cores que criassem uma harmonia e representação da composição que foi criada. Abaixo os participantes pintavam a paleta que haviam escolhido.

Figura 2 – Detalhes da produção visual realizada pelos discentes.



Fonte: As autoras, 2025.

As cores escolhidas e pintadas em pontos específicos, intensificaram os significados. Trazendo para o diálogo, a contextualização de assuntos que evidenciavam violência, mas que podiam ser visualizados sobre outros aspectos, outros modos de ver.

No quarto momento foi realizada a *Clínica de trabalho* (Figura 3), nessa fase da *microprática* os participantes aproximaram-se das produções de todos e iniciaram um diálogo, mediado pela ministrante, no qual foram colocados seus desafios pela prática artística, suas perspectivas, escolhas, bem como o olhar para a produção dos outros, suas impressões, angústias e interferências. A conversa, nesse momento, apresentou muitas respostas e principalmente a ideia de continuidade, pois o principal objetivo não se encerrou com o término da ação, mas a possibilidade da referência de uma vivência partilhada.



Figura 3 – Detalhe da *clínica de trabalho*.



Fonte: As autoras, 2025.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerrar esta reflexão é, de certo modo, retomar o início: a constatação de que olhar para imagens nunca é um ato neutro. Cada cor, cada traço, cada silêncio presente em uma fotografia ou pintura carrega marcas da sociedade que a produziu. Foi nesse terreno fértil – mas também desafiador – que a *microprática* se desenvolveu, convidando futuros pedagogos e pedagogas a experimentarem, pela arte, outras formas de enxergar a violência e de ressignificar o que parecia dado como natural.

Se em um primeiro momento as imagens chocavam pelo peso do tema, a intervenção cromática abriu brechas para novas narrativas. Ao colorir, reinterpretar e dialogar com aquilo que parecia imutável, os acadêmicos perceberam que ensinar arte na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental ou em modalidades correlatas não é apenas transmitir técnicas: é, sobretudo, provocar deslocamentos de olhar, ensinar a questionar, criar pontes entre a experiência estética e a vida cotidiana.

Nesse horizonte, as autoras Coelho (2020) e Coelho (2021) apontam que as imagens do cotidiano não apenas circulam, mas também educam, revelando como a



formação docente precisa incorporar criticamente esses repertórios para dialogar com a realidade local. Assim, a problematização das imagens, especialmente das que expõem a violência cotidiana, não deve ser vista como um exercício distante da prática, mas como um caminho potente para reimaginar a educação.

Essa experiência nos lembra que formar professores é muito mais do que preparar profissionais. É formar sujeitos capazes de problematizar o mundo e oferecer às crianças e jovens oportunidades de interpretação crítica da realidade. Afinal, se as imagens podem aprisionar sentidos, também podem libertar – desde que haja quem as questione, quem as reinvente, quem as ressignifique no espaço pedagógico. Portanto, foi no diálogo entre teoria e prática, entre cor e crítica, que os/as futuros/as pedagogos/as encontram não apenas ferramentas, mas também coragem para transformar sua própria forma de ver – e, assim, contribuir para que seus alunos também aprendam a ver o mundo de um jeito novo.

REFERÊNCIAS

BERGER, J. **Modos de ver**. Trad. Hugo Mader. São Paulo: Fósforo, 2022.

BRODSKY, Marcelo. **Site oficial**. Disponível em: <https://marcelobrotsky.com/>. Acesso em: 15 set. 2025.

CAVALLARI, P. H. V.; LAMPERT, J. **Reflexões sobre o conceito de microprática**. Revista Apotheke Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 11–28, 2023. DOI: 10.5965/24471267912023011. <https://revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/23353>. Acesso em: 13 set. 2025.

COELHO, H. C.; CAVALLARI, P. H. V.; LAMPERT, J. **A página rasgada: revisitando a experiência pragmática de John Dewey**. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 023-038, 2025. DOI: 10.5965/244712671112025023. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/27200>. Acesso em: 5 ago. 2025.

COELHO, H. C. **Imagens de violência no cotidiano escolar**. Curitiba: Editora Appris, 2020.

COELHO, C. **“Égua, não, olha meme...” Cultura visual e formação docente na Amazônia amapaense**. 2021. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Goiânia, 2021. Disponível em: <http://repositorio.bc.efg.br/tede/handle/tede/11683>. Acesso em set. 2025.



COLLINS, P. H. **Interseccionalidade** [recurso eletrônico] / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge; Trad. Rane Souza. - 1.ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa** [recurso eletrônico] Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

DEWEY, J. Arte como experiência. Trad. de Vera Ribeiro, São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DEWEY, J. **Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo, uma reexposição.** Nova trad. e notas de Haydée Camargo Campos. 4ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

HIRSCH, S., AUDET, G., GOSSELIN-GAGNE, J. et TURCOTTE, M. **Aborder des thèmes sensibles avec les élèves.** Centre d'intervention pédagogique en contexte de diversité, 2023.

ITTEN, J. **El arte del color: la experiencia subjetiva y el conocimiento objetivo como caminos para el arte.** Trad. Isabel Hernández. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2020.

MENDONÇA, R. F.; REIS, L. A. V. **Pragmatismo, marxismo e democracia: a negligenciada contribuição de Sidney Hook.** Revista Brasileira de Ciência Política, nº17. Brasília, maio - agosto de 2015, pp. 247-275. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-335220151709>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/HyptcfxnXSs53r8nRBTwbSv/?lang=pt>. Acesso em 15 set. 2025.

MIRZOEFF, N. **Una introducción a la cultura visual.** Barcelona: Paidós, 2003.

OLIVEIRA, N. A. **Lógica pedagógica e pensamento reflexivo com base em John Dewey e Paulo Freire: uma mesma epistemologia, diferentes perspectivas ético-políticas.** ESTUDOS. Rev. Bras. Estud. Pedagog. 104, 2023 DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.104.5728>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/7rrkCcJcdn9S5sQR4LxLDbR/?lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2025.

WOSNIAK, F.; LAMPERT, J. **Sobre o ensino/aprendizagem em artes visuais ou arte como experiência.** Revista Apotheke, Florianópolis, v. 3, n. 2, 2017. DOI: 10.5965/24471267322017076. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/10088>. Acesso em: 15 set. 2025.

ZIZEK, S. **Violência: seis reflexões laterais.** Trad. Miguel Serras Pereira. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014.